

## **Tetrafarmaco: filosofia e farmacologia a quatro mãos**

**Fausto Antonio de Azevedo**

**Graduado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de São Paulo, especialista em Saúde Pública com mestrado em Toxicologia e Análises Toxicológicas pela Universidade de São Paulo. Psicanalista pelo Centro de Estudos Psicanalíticos.**

**E-mail: [azevedo.fausto@gmail.com](mailto:azevedo.fausto@gmail.com)**

**Registro DOI: <http://dx.doi.org/10.22280/revintervol10ed2.315>**

### **Resumo**

O artigo percorre a extensão dos campos por onde se desdobra a influência do conceito grego antigo de tetrafarmaco. Desde o domínio filosófico, aqui centrado nos ensinamentos da filosofia epicurista, até ao território da farmacologia e, por fim, um leve aceno para um tetrafarmaco da ordem da culinária. Tetrafarmaco é uma palavra e um conceito invocado por diferentes pensadores em distintas disciplinas. Sua aplicação, sobretudo pela mão do epicurismo, é atual ainda hoje e tem conquistado muitos adeptos.

**Palavras-chave:** Tetrafarmaco. Epicurismo. Epicuro.

## **Tetrapharmacum: philosophy and pharmacology on four hands**

### **Abstract**

The article covers the extension of the fields through which the influence of the ancient Greek concept of tetraphármakon unfolds. From the philosophical domain, centered here on the teachings of the Epicurean philosophy, to the territory of pharmacology, and, finally, a slight nod to a tetraphármakon of the order of the culinary. Tetra-drug is a word and a concept invoked by different thinkers in different disciplines. Its application, especially by the hand of Epicureanism, is still present today and has won many supporters.

**Keywords:** Tetrphármakon. Epicureanism. Epicuro.

Recebido em 19/03/2017 Aceito em 12/05/2017

## Introdução

Tetrafarmaco, do grego *tetra* (sentido de quatro, como em tetracampeão - quatro vezes campeão) mais *pharmakós* (φαρμακός), hoje em português com o sentido de fármaco, medicamento, remédio (no grego antigo poderia ser também veneno<sup>1</sup>), portanto *tetrphármakos* (τετραφάρμακος), ou também *tetrphármakon* (τετραφάρμακον), pelo latim *tetrpharmacum*, era um composto farmacêutico, literalmente “os quatro remédios” ou o “quádruplo remédio” (MORAES, 2015) (ou ainda “a cura em quatro partes”): mistura de (1) cera, (2) resina (pinheiro), (3) breu e (4) gordura animal (na maior parte das vezes de porco), famoso na “farmacologia” da antiga Grécia e usado pelos físicos (médicos) de então. Era, de fato, uma espécie de unguento.

Epicuro de Samos (século IV a. C.), um dos maiores filósofos daquilo que ficou conhecido como período helênico da filosofia grega, ou helenismo, assim como os seguidores de sua escola, o epicurismo, empregou a palavra tetrafármaco e sua idéia de maneira metafórica para referir-se a quatro “remédios” para a cura de males da alma humana, notadamente a ansiedade (já desde aquele tempo...).

Também há registro, como se verá adiante, de um tetrafármaco culinário, cultivado por certos imperadores romanos.

## Na Filosofia

---

<sup>1</sup> Palavra convivente com o *pharmakón* e sua parente íntima é *toxikón*. O *toxikón* é o que poderíamos chamar de a alma da Toxicologia, das Ciências Toxicológicas. “Da maneira mais simples e objetiva possível a Toxicologia poderia ser conceituada como a ciência que se ocupa dos agentes tóxicos. A formação da palavra vem do termo grego *Toxikón* que significa “veneno que convém ao arco ou à flecha” (HOLANDA, A.B., 1975) ou, simplesmente, “veneno para a flecha” (MACHADO, J.P., 1967).

De forma mais ampla, pode-se conceituá-la como o estudo das ações e efeitos nocivos de substâncias químicas sobre sistemas biológicos, da probabilidade de suas ocorrências e dos limites máximos aceitáveis para a exposição dos sistemas biológicos às substâncias químicas (LOOMIS, 1978; SOCIETY OF TOXICOLOGY, 1978).

Epicurismo é o sistema filosófico que preconiza a busca de prazeres moderados por meio de se conhecer o funcionamento do mundo, e da limitação dos desejos, a fim de que se possa alcançar um estado de tranquilidade e de ausência de medo e de sofrimento corporal. A ética epicúrea diz que bom é aquilo que nos dá prazer e mal o que nos causa dor. Mas centrava-se, sobremaneira, na idéia de ausência de dor. Segundo Epicuro, o maior prazer possível era simplesmente o de estar vivo. Seu pensamento tem sido, até hoje, de certa forma estigmatizado por não compreenderem perfeitamente a idéia do prazer e o associarem à devassidão e à orgia, o que não é correto.

Por tal motivo, desde logo é preciso fazer a imperiosa distinção entre o epicurismo e o hedonismo. O primeiro, por declarar o prazer como o único valor intrínseco, por sua concepção da ausência de dor como o maior prazer e por sua apologia da vida simples, faz-se bastante diferente do segundo. Nele, o prazer tem papel passivo pela ausência de paixões e pela eliminação de qualquer fator que cause o sofrimento ou temor, como a morte. Já o hedonismo (do grego *hedonê*, equivalente a prazer, vontade, desejo – Hedonê, na mitologia grega, era a deusa do prazer), além de levar em conta os prazeres sexuais, incentiva o prazer intensamente (sobretudo em sua interpretação atual).

Epicuro entendia que o maior bem era a busca de prazeres moderados, de sorte a atingir um estado de tranquilidade, a *ataraxia*, e de libertação do medo, bem como a ausência de sofrimento corporal, a *aponia*. Isto seria conseguido através do conhecimento de como o mundo funciona e da consciência da limitação dos desejos. A soma da ataraxia e da aponia resultaria na forma mais elevada de felicidade.

Ataraxia (grego antigo: Ἀταραξία), de a = sem, mais taraxia = perturbação, agitação, desordem, equivale à "ausência de inquietude", "tranquilidade de ânimo" (MORA, 2000). Quem primeiro empregou o termo foi Demócrito ao dizer "A felicidade é prazer, bem-estar, harmonia, simetria e ataraxia". O médico grego Hipócrates também o usou em *As cartas*. Todavia, os epicuristas, os céticos e os estóicos é que trouxeram a palavra para a base de seus pensamentos.

Aponia (grego antigo: ἀπνοία) significa a ausência de dor física, e os epicuristas a consideravam como o máximo do prazer corporal. Eles entendiam o prazer como ausência de dor (física e mental). Assim, o prazer pode apenas aumentar até o ponto em que a dor está ausente e acima disso o prazer não pode aumentar ainda mais. De

fato, não é possível racionalmente buscar prazer corporal para além da aponia. Para Epicuro, aponia era um dos prazeres estáticos (*katastematic*), ou seja, um prazer que se tem quando não há dor ou esta foi removida. Para atingir tal estado, é preciso que sejam provados os prazeres cinéticos que se tem quando a dor está sendo removida.

A filosofia de Epicuro, ensinada e praticada no Jardim<sup>2</sup>, oposta à metafísica de Aristóteles, não guardava um viés apenas teórico, pelo contrário, trazia uma proposta bastante prática. Queria antes de mais nada conquistar o sossego necessário para uma vida feliz e aprazível, e nesta os medos frente ao destino, aos deuses ou à morte estavam definitivamente eliminados. Para isso, fundamentava-se em uma teoria do conhecimento (epistemologia) empirista, em uma física atomista e na ética. Para ele, todo o conhecimento se origina nas sensações e impressões dos sentidos e todas as sensações são sempre verdadeiras.

Para tal filosofia nada está além dos sentidos, não há nenhuma realidade que não possa ser apreendida com auxílio dos nossos cinco sentidos. Este princípio denomina-se de "naturalismo radical", é compreendido por três tomadas de consciência do indivíduo e opera como um caminho para a felicidade dividido também em três postulados:

- *compreensão dos deuses*: os deuses, para Epicuro, não se preocupam com os humanos, uma vez que na perfeição (eles) não poderia caber a imperfeição (nós), nem mesmo por mero conhecimento. Portanto, se os deuses não se encarregam de nosso destino, benção ou maldição, caberá a nós mesmos tal responsabilidade. A felicidade ou o sofrimento dependem das escolhas de cada um e não de interesses, raivas ou paixões de deuses;
- *compreensão da morte*: Epicuro pleiteia a idéia da morte como sendo o nada. Dor e sofrimento residem nas sensações, na vida como fardo, e

---

<sup>2</sup> “O epicurismo respondeu a essa questão propondo o recuo da ágora para o jardim (kepos). A escola de Epicuro era composta de uma casa e de um jardim, que era uma espécie de horta ou horto onde se concentravam seus alunos e adeptos. Este era o conhecido jardim de Epicuro ou jardim dos prazeres, concebido como um refúgio. Cícero, torcendo a verdade, chamava-lhe ‘um jardim de prazer onde os discípulos languesciam em gozos refinados’ (FARRINGTON, 1968). Mas a proposta de Epicuro era que lá fosse possível viver livremente, entre amigos, sem déspotas, numa nova forma de comunidade. A casa e o jardim foram adquiridos para servir de meios que permitissem a vida intelectual e material dos membros da escola. O pensamento de Epicuro era dirigido aos problemas” (BRUNO, 2007).

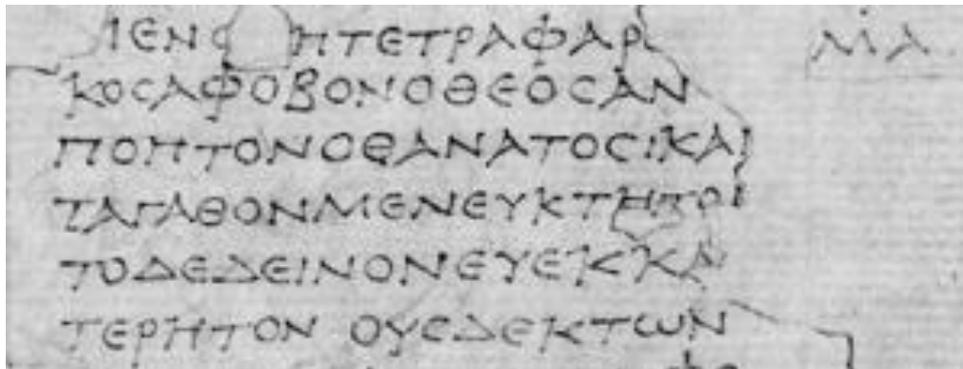
se a morte é o total aniquilamento do "viver", o sábio nada tem a temer. Se a vida e as sensações é que causam o sofrimento do indivíduo, a morte existiria para cessar as sensações, ser o nada, a privação total. Nunca ocorreria sofrimento, pois a morte ocasionaria o extermínio das sensações. Noutros termos, se a morte está eu não estou e se eu estou ela não é. Portanto a morte não possui materialidade para recepcionar sofrimentos a partir do sensório da matéria humana;

- *compreensão dos desejos*: segundo Epicuro, o desejo se origina de uma falta, que pode partir da natureza (desejo natural) ou de uma opinião falsa (desejo frívolo). É possível traçar o seguinte esquema de acordo com o pensamento do filósofo:

DESEJOS					
DESEJOS NATURAIS			DESEJOS FRÍVOLOS (não naturais e não necessários)		
<b>NECESSÁRIOS</b> (livram o corpo da dor, da fome e da sede)			<b>SIMPLESME NTE NATURAIS E NÃO NECESSÁRI OS</b>	ARTIFICIAIS	IRREALIZÁVEIS
Para a felicidade (eudaimoni a)	Para a tranquilidade do corpo (proteção)	Para a vida (nutrição , sono)	Variações de prazeres, busca do agradável	Exemplo: riqueza, glória	Exemplo: imortalidade

Assim, metaforicamente Epicuro tomou a concepção de um tetrafármaco “farmacológico”, voltado aos males do corpo, conforme então era uso corrente, e a adaptou aos males da alma ou do espírito. O tetrafármaco epicurista, incorporando também a análise dos desejos humanos e seus possíveis males se não devidamente controlados, vale dizer, se levados ao exagero, preconizava quatro condutas ou reflexões:

PRECEITO	NO GREGO ANTIGO
(1) não tenha medo dos deuses (não espere nada de bom ou mau deles);	Ἄφοβοθεός,
(2) não se preocupe com a morte (fim das sensações);	ανύποππονοθάνατος
(3) o bom é muito fácil (educação dos sentidos);	καιταγαθόνμενεύκτητον, τοδεδεινόνευκαρτέρητον
(4) não há mal que dure (ético-lógica: a história tem mudança; fases finitas).	



O tetrafármaco como encontrado no papiro de Herculano (Ercolano), Villa de Papyri, Itália, região da Campania, próxima a Nápoles<sup>3</sup>.

Os componentes do quádruplo remédio para a alma, defendidos por Epicuro, encontram-se nas *Sentenças Vaticanas* e nas *Máximas Principais* (**MORAES, 2015**).

Nas *Sentenças Vaticanas* leremos:

O quádruplo remédio, a vida prazerosa e a segurança

1

<sup>3</sup> Os papiros de Herculano têm grande número de textos filosóficos gregos. Partes representativas dos Livros XIV, XV, XXV e XXVIII de, *Sobre a Natureza*, obra maior de Epicuro, e trabalhos dos seguidores de Epicuro também estão entre os papiros, destacando-se os de Filodemo (Philodémus) de Gadara (*Papyrus, 1005, 4.9-14*).

*Aquele que é plenamente feliz e imortal não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela cólera ou pelo favor, pois tudo isso é próprio à fraqueza.*

Com pequenas modificações, esta sentença reproduz a *Máxima I*.

2

*A morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível e a insensibilidade é o nada para nós.*

Sentença idêntica à *Máxima II*.

3

*O sofrimento na carne não dura, aquele que é extremo só permanece por um tempo muito curto; aquele de intensidade média, que excede o prazer carnal, dura vários dias. Quanto às doenças de longa duração, elas permitem sentir mais prazer do que sofrimento no corpo.*

A sentença reproduz a *Máxima IV* com poucas alterações.

4

*Toda dor é facilmente suportável: a que é intensa dura pouco, e as dores do corpo que duram muito tempo são tênues.*

Esta sentença, que remete às *Máximas II e IV (...)*. (MORAES, 2015)

Dos muitos escritos originais de Epicuro o que chegou até a nós é bem pouco. O mais que se tem deriva de trabalhos de seguidores do filósofo, alguns em tempos muito posteriores à sua vida (341 a.C., ilha de Samos, Grécia – 270 a.C., Atenas, Grécia). Diógenes Laércio<sup>4</sup>, por exemplo, “transcreveu quarenta aforismos que sintetizam a ética epicurista” (MORAES, 2015). As *Máximas Principais* “correspondem, várias delas literalmente, à *Carta a Meneceu* (ou Menequeu), sobre o prazer e a felicidade, e são coerentes com as demais *Cartas*, portanto com o essencial da obra remanescente de Epicuro.” (MORAES, 2015; LORENCINI; CARRATORE, 1997). Um estudioso bastante respeitado da obra de Epicuro, C. Bailey (MORAES, 2015), sugeriu uma divisão temática das quarenta *Máximas* em onze tópicos, e o primeiro deles é justamente o *tetraphármakos*, englobando os aforismos de 1 a 4.

<sup>4</sup> Diógenes Laércio, que provavelmente viveu no período 200 - 250, historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos. Escreveu *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, formada por dez livros, com importantes fontes de informações a respeito do desenvolvimento da filosofia grega.

Nas *Máximas*, por sua vez, assim leremos:

O “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*)

I

*Aquele que é plenamente feliz e imortal não tem preocupações, nem perturba os outros; não é afetado pela cólera ou pelo favor, já que tudo isso é próprio à fraqueza.*

Os gregos de então se preocupavam demasiado com a possível ingerência dos deuses nos assuntos humanos. Havia como que uma promiscuidade por parte dos deuses entre assuntos propriamente divinos e questões dos humanos. A Mitologia grega, como todos sabemos, além de rica e belíssima, desfila uma quantidade quase incontável de deuses, deusas, semideuses (heróis e heroínas) e outras criaturas mitológicas, todos com costume de interferir nas coisas humanas. Desta forma, o temor aos deuses era um tipo comum de desassossego para os mortais, fonte de inquietação e perturbação. Mas, consoante o pensamento de Epicuro:

Os deuses são perfeitos. Não devemos, portanto, temê-los, nem deles esperar nada, pela simples razão de que, vivendo em eterna satisfação, eles conosco não se preocupam. Não carecem de nada nem de ninguém: a condição divina é de perfeita serenidade. Sentir ódio ou piedade é próprio de ser imperfeito. (MORAES, 2015)

Epicuro busca libertar o ser humano, desmistificando os deuses e, como se verá no aforismo 2, a morte. “A ruptura com a religião astral associa hedonismo e iluminismo, busca do prazer propício e eliminação dos sofrimentos provocados pela ignorância” (MORAES, 2015). A libertação interior e a desalienação do indivíduo constituem o caminho para a serenidade e a felicidade.

O “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*)

II

*A morte nada é para nós. Com efeito, aquilo que está decomposto é insensível, e a insensibilidade é o nada para nós.*

O que está em tela aqui é a morte nossa, pessoal, de cada um de nós, a própria morte. Mortos, já não somos nós, há a decomposição de nossos átomos<sup>5</sup>, não podemos mais sentir. O sofrimento que nos é causado pela morte de seres queridos só nos acontece precisamente porque continuamos a viver. Mas quando somos nós que morremos, perdemos todas as sensações e a ausência absoluta de sensações é o mesmo que o nada: é o nada para nós. Enquanto estamos vivos, não há a (nossa) morte. Quando mortos, já não estamos. Assim, por que temer a morte? É exatamente como o escrito pelo filósofo na *Carta a Meneceu*: “Enquanto estamos presentes, a morte está ausente, quando ela se apresenta, já não mais estamos” (MORAES, 2015).

Os dois primeiros “remédios” do tetrafármaco epicurista voltam-se muito para nosso intelecto, dizem respeito a um aumento de nossa capacidade crítica de análise e julgamentos, e, por causa disso, se apreendidos e praticados podem implicar num efeito terapêutico imediato. É preciso somente “*compreender* a natureza das coisas: não são os deuses, mas sim os átomos em movimento que regem o Universo; a morte é apenas separação dos átomos componentes do organismo” (MORAES, 2015).

Na teoria atomista de Epicuro, os átomos estão em constante queda no vazio, conforme já havia ensinado Demócrito de Abdera. Epicuro entendeu que é por meio de desvios aleatórios, sem definição de tempo e lugar, nessa permanente queda, que os átomos se chocam e se combinam dando origem a tudo que há no mundo empírico. Lucrécio (Tito Lucrécio Caro, ca. 99 a.C. – ca. 55 a.C.), poeta e filósofo, provavelmente nascido em Roma, escreveu o importante poema *De rerum natura* (Sobre a natureza das coisas), no qual recupera a filosofia de Epicuro. Para Lucrécio, o epicurismo era a chave que poderia desvendar os segredos do universo e garantir a felicidade humana. Ele chama o desvio imprevisível dos átomos pelo nome latino de *Clinâmen*.

O terceiro e o quarto aforismos, remédios do tetrafármaco, são de significado ético, porque pretendem ensinar-nos a como devemos lidar com o prazer e a dor.

### O “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*)

#### III

*O limite da amplitude dos prazeres é a supressão de tudo que provoca dor.*

*Onde estiver o prazer e durante o tempo que ele ali permanecer, não*

---

<sup>5</sup> Epicuro retoma a teoria atomística de Demócrito de Abdera e de Leucipo.  
Revinter, v. 10, n. 02, p. 05-19, jun. 2017.

*haverá lugar para a dor corporal ou o sofrimento mental, juntos ou separados.*

“A supressão da dor e do sofrimento, fazendo emergir plenamente o prazer de viver, abre espaço para a vida prazerosa, que é o bem supremo”(MORAES, 2015). Cuidado: há aqui um ensinamento ético fundamental. O preconizado não é, de forma alguma, um hedonismo sem medidas. Há que se cultivar a prudência. O prazer é entendido como aquilo apenas necessário e suficiente para satisfazer uma necessidade natural e nunca o seu excesso. Intentar exceder o limite no prazer nos joga novamente no sofrimento da dependência, depender da busca incessante do excesso de prazer, o que é aprisionar, enquanto a intenção de Epicuro sempre foi nos libertar.

#### O “quádruplo remédio” (*tetraphármakos*)

#### IV

*A dor contínua não dura longamente na carne. A que é extrema permanece muito pouco tempo, e a que ultrapassa um pouco o prazer corporal não persiste muitos dias. Quanto às doenças que se prolongam, elas permitem à carne sentir mais prazer do que dor.*

Antes de tudo, vale recordar que Epicuro teve uma vida marcada pela dor física (teria sofrido de cálculos renais). “Para mostrar que podemos suportar a dor, a presente máxima considera a duração da dor contínua (a passageira passa logo), relativamente à sua intensidade e à sua compatibilidade com o prazer. A dor extrema, no limite do insuportável, dura pouco tempo. Dela logo nos livramos, ainda que seja pela morte (...)” (MORAES, 2015). Prazer e dor não coexistem estaticamente: sempre há a predominância de um dos extremos e quando isso acontece para um, o outro fica latente. “Mesmo sofrendo uma doença prolongada, podemos sentir mais prazer do que dor ou porque o sofrimento provocado pela enfermidade se torna eventualmente menor do que sensações prazerosas que lhe são simultâneas ou porque a dor, quando muito intensa, afugenta o prazer e reciprocamente” (MORAES, 2015).

Claro está que as teses de Epicuro têm encontrado opositores ao longo dos tempos, como sói de ser na história da Filosofia. Para ficar por aqui, cite-se apenas o

grego Plutarco (Queroneia, 46 d.C./48 d.C. - Delfi, 125 d.C./127 d.C.), ensaísta e filósofo platônico, que com seu personagem Theon em *Da impossibilidade de viver prazerosamente seguindo Epicuro*, afirma que a dor e o sofrimento duram muito mais do que o prazer, ao contrário do que pretenderia o tetrafármaco epicurista.

## Na Farmacologia

Farmacologia vem de fármaco + logia. Esta, a seu turno, vem do grego logos, que equivale a conhecer ou saber racionalmente. Já fármaco, do grego *pharmakón*, significa remédio ou medicamento, mas também veneno capaz de provocar a morte. Sua origem remonta ao início da civilização grega e a palavra comparece nos poemas homéricos, na *Ilíada* e na *Odisséia*, significando planta ou poção de uso medicinal e mágico (REZENDE, 2000).

Para os gregos antigos, as vítimas dos sacrifícios oferecidos aos deuses eram chamadas de *pharmakó*, e o alimento utilizado durante as cerimônias de comunhão, *pharmakón*. *Pharmakeús* era algo como manipulador de remédios, envenenador e mágico (CHATNTRAINE, 1984). De *pharmakón* deriva uma galeria de termos relacionados (CHANTRAINE, 1984), como:

<i>Pharmakeía</i> ou <i>pharmakía</i>	arte de preparar os medicamentos e, por extensão, local onde se preparam e se vendem os medicamentos, a nossa farmácia
<i>Pharmacotheke</i>	armário onde medicamentos eram guardados
<i>Pharmakóphoros</i>	o produtor de medicamentos
<i>Pharmacotribes</i>	o auxiliar, moedor de ervas
<i>Pharmakopoiós,</i>	o preparador de medicamentos
<i>Pharmakopoles</i>	o vendedor de medicamentos
<i>Pharmakoposia</i>	ingestão de um <i>pharmakón</i>
<i>Pharmakodosia</i>	envenenamento provocado por um <i>pharmakón</i>
<i>Alexiphármakon,</i>	antídoto contra o <i>pharmakón</i> venenoso

Diógenes Laércio, historiador e biógrafo dos filósofos gregos (século III d.C.), menciona a palavra *Pharmakopoiía* (formada pela adição do verbo *poiein* = fazer), caracterizando a arte de fazer os medicamentos. Tal palavra veio a dar a nossa farmacopéia.

O desenvolvimento da farmácia, *pari passu* com o desenvolvimento da química e da medicina, a partir da aurora de revolução científica, e, sobretudo, no século XIX, com a aplicação do método científico, incitou o surgimento de outros vocábulos para registrar fatos da nova realidade: farmacologia, farmacognosia, farmacotécnica, farmacodinâmica, farmacopoiése, farmacoquímica, farmacografia, farmacoterapia, farmacodependência, farmacoprofilaxia. No *Vocabulário da Academia Brasileira de Letras* encontraremos 56 cognatos de fármaco (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1999).

Nas Ciências Farmacêuticas, fármaco é uma substância química conhecida, de estrutura química definida, que apresenta alguma propriedade farmacológica. O termo fármaco engloba todas as substâncias químicas empregadas na Farmácia por suas ações farmacológicas. Os inertes, como excipientes, não são considerados fármacos.

Filósofos e pesquisadores usaram a palavra *pharmakón* em outras áreas de saberes, com política, filosofia (por exemplo Platão; Jacques Derrida, pelo sentido de ambivalência, etc.), metafísica.

O tetrafármaco farmacológico, segundo a *Farmacopéia Geral com base na Química Farmacológica* ou *Elementos de Farmacologia Clínica* do Doutor Gioacchino Taddei (TADDEI, 1826), é assim preparado:

Toma-se terebentina<sup>6</sup> de pinho, cera amarela em pequenos pedaços, breu negro, 6 onças<sup>7</sup> de cada, e se os liquefaz em óleo de oliva (1 libra<sup>8</sup>), misturando com 1/2 libra de gordura de carneiro. A mistura é

---

<sup>6</sup> Líquido obtido por destilação de resina de coníferas, normalmente incolor, podendo ser levemente colorido por conta de algumas impurezas, com aroma forte e penetrante de pinho, se fabricado a partir de resina de pinheiro. Trata-se de um bom solvente e é constituído principalmente por terpenos.

<sup>7</sup> Unidade de peso inglesa equivalente a 28,349g

<sup>8</sup> Nome oficial de pelo menos três unidades de massa. Em muitos países que usam o SI, ou um sistema métrico, a libra é usada como um termo não-oficial para a metade de um quilograma; e então, nesses casos, a libra é de 500 g.

filtrada, e a pomada fina é agitada até que se solidifique. O unguento é mondificativo<sup>9</sup> e supurativo<sup>10</sup>.

O *Receituário Fiorentino*, na edição de 1789, à página 326, traz a receita dum “Unguento Basilico” (GRANDUCALE, 1979), assim grafado, e que é:

Cera gialla	Cera amarela
Sego di castrato	Sebo de carneiro
Ragia di pino	Terebintina de pinho
Pece navale	Breu naval
Trementina ana onc, sei	Terebintina
Olio d’oliva lib. una	Azeite de oliva

*Basilicon* (no grego), ou *basilicum* (termo latinizado), é o nome dado a vários unguentos que se acreditava terem virtudes soberanas. Exemplo era um unguento de resina, cera, argila e óleo, que em épocas passadas os médicos utilizavam como supurativo. A palavra deriva do grego antigo βασιλικόν (*basilikon*), com a forma neutra de βασιλικός (*basilikos*, "real", *basilicus* em latim), entendida como na frase βασιλικόν φάρμακον *Basilikón phármakon*, "droga real". Segundo o dicionário *Collins*, *basilicon* é “Qualquer uma de uma variedade de pomadas curativas aplicadas a feridas na medicina antiga, geralmente usando banha ou óleo, resina, e cera” (s.d.). Já no *Fine Dictionary* encontramos para *basilicon*: “Uma pomada assim denominada por suas supostas virtudes "soberanas". Consiste em cera amarela, breu negro e resina, uma parte de cada, e azeite de oliva quatro partes. Também chamado de pomada basilicana” (s.d.).

## Na culinária

O termo tetrafármaco, todavia, acabou aplicado em mais uma dimensão dos interesses humanos além da saúde (farmacologia) e do bem-estar (filosofia). E o foi com os romanos, na culinária imperial.

<sup>9</sup> Purificador, depurativo.

<sup>10</sup> Que produz ou facilita a supuração, que é a acumulação de pus.  
 Revinter, v. 10, n. 02, p. 05-19, jun. 2017.

O tetrafármaco era um prato romano caro e complicado, feito com (1) teta de porca, (2) faisão, (3) javali e (4) presunto fumado<sup>11</sup> (DANZIGER, 2005).

A fonte de informações que sobreviveu para nos dar conta disso é a *História Augusta* (uma coleção de biografias de imperadores romanos, provavelmente de finais do século IV). Na biografia do imperador romano Adriano, redescoberta por Marius Maximus, Lucius Aelius Cesar (filho adotivo e herdeiro do imperador, morto em 138) teria inventado o extravagante prato; seu pai o aprovou e o imperador seguinte, Alexandre Severo, gostou (TEIXEIRA; BRANDÃO, RODRIGUES, 2013).

## Conclusão

Podem alguns professar uma crença na existência da alma (Platão, Descartes, etc.), enquanto outros se atêm ao puro materialismo (Demóstenes, Leucipo, Epicuro, Marx, etc.), todavia, o que parece permear a todos é o desejo e a busca pelo prazer e pela felicidade. Talvez esse pudesse ser um sentido para a vida, seja da sociedade, seja do indivíduo. E sentir-se feliz, por sua vez, pode conter diferentes aspectos, no entanto, difícil é sentir-se feliz com uma dor perturbadora no corpo. Dizia Epicuro que a felicidade tem tudo a ver com a imperturbabilidade. Estar doente e com dor, estar com fome, com sede, são fatores que afastam o senso de felicidade. Depois, já num outro plano, figuram os fatores mais sutis, como possuir bons relacionamentos, amizades, união afetiva, pertencimento social, etc.

Na doutrina dos tetrafármacos temos receitas para tentar a ausência de dor física pelo uso farmacológico de agentes químicos; ensaiar a ausência de dor mental, pela eliminação das perturbações, como a necessidade premente de ter; e obter um prazer gastronômico, ainda que, talvez, exagerado, como faziam os imperadores romanos, mas que pode ser construído por uma forma de inteligência alimentar. O quádruplo remédio tem-nos acompanhado por milênios como um sustentáculo de inspiração ética (no sentido do etos), moral e epistêmica, para que possamos atravessar nossas jornadas com um mínimo de sabedoria, construindo nossas próprias políticas de saúde e bem-estar, nossa autarcia, e alcançando, destarte, a Eudaimonia.

---

<sup>11</sup> Há também uma versão dita pentafármaco: que é composta por “teta de porca, faisão, pavão, presunto fumado e javali” (ADRIANO et. al., s.d.)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLANDA, A.B. **Novo Dicionário da língua portuguesa**, 1 ed. São Paulo, Ed. Nova Fronteira, 1975.

MACHADO, J.P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, 2 ed. Lisboa, Editorial Confluência Ltda, 1967.

AZEVEDO, F.A.; CHASIN, A.A.M. **As bases toxicológicas da Ecotoxicologia**, São Carlos, Editora Rima, 2004.

MORAES, J. Q. **Epicuro: Sentenças Vaticanas – Máximas Principais**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 1. (A - D) Ed. Loyola [S.l.], 2000

BRUNO, Flávia. Epicuro e os tetrápharmakon. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista**, Ano V, n. 8, p. 161-170, 2007.

LORENCINI, A.; CARRATORE, E. **Carta com tradução**. São Paulo: UNESP, 1997.

REZENDE, J.M. **Linguagem médica: Pharmakón**, 2000. Disponível em: <http://www.jmrezende.com.br/pharmakon.htm>

TADDEI, G. **Farmacopéia Geral com base na Química Farmacológica ou Elementos de Farmacologia Clínica**. Volume III. Florença: Tipografia de Luigi Pezzati, 1826. p. 217. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mcFwV46G6ogC&pg=PA217&lpg=PA217&dq=tetrafarmaco+farmacologia&source=bl&ots=y7GM0b0vmD&sig=CMDUCrf-g3m0DkgTnh-XeWEqRVY&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwio1Yqy1LjMAhWMiZAKHSYyBA8Q6AEIKzAC#v=onepage&q=tetrafarmaco%20farmacologia&f=false>. Último acesso: 01/05/2016.

GRANDUCALE, C. G. S. **Ricettario Fiorentino**. Parte Prima. Firenze, 1789.

DANZIGER, Danny, PURCELL, Nichollas. **Hadrian's Empire – Whem Rome ruled the world**. Londres: Hodder & Stoughton, 2005.

TEIXEIRA, C. A. ; BRANDÃO, J. L. ; RODRIGUES, N. S. **História Augusta Vol. I: Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. p.63.